

FORÇAS ARMADAS

Marinha faz campanha para mudar imagem

Onze meses depois do 8 de Janeiro, comando convoca militares para a cerimônia de troca da Bandeira, quando será lançado um vídeo com música de Adriana Calcanhoto

» VINÍCIUS DORIA
» VITÓRIA TORRES*

Em uma iniciativa inédita, a Marinha lança, hoje, na solenidade de troca da Bandeira, na Praça dos Três Poderes, uma campanha publicitária em homenagem ao Dia do Marinheiro (comemorado em 13 de dezembro) com a intenção de resgatar a imagem da Força, que enfrentou sucessivas crises a partir da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na eleição presidencial de 2022. Um vídeo com a música *Maresia*, de Adriana Calcanhoto, é a principal aposta para fixar a mensagem de que a Marinha é formada, acima de tudo, por gente do povo, independentemente de gênero, origem, etnia ou posição política.

Todos os militares da Armada que estão na capital foram convocados para comparecer fardados à solenidade, que ocorre todo primeiro domingo de cada mês, organizada em sistema de rodízio com as demais Forças. O local é estratégico para apresentar esse reposicionamento de marca. Praticamente 11 meses depois dos atos antidemocráticos que depredaram as sedes dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, a Marinha espera promover uma ocupação cívica da Praça, reforçando o compromisso com seu papel constitucional.

“Lançar a campanha do Dia do Marinheiro na ocasião da última cerimônia do ano de troca do Pavilhão Nacional, especialmente na Praça dos Três Poderes, reveste-se de significado especial e inédito. A Praça (dos Três Poderes) remete à institucionalização e ao respeito aos caros valores da democracia. No que lhe concerne, a Marinha do Brasil, instituição permanente e regular, compartilha, por meio dessa campanha, o sentimento de identidade que congrega marinheiros de profissão e afeição”, declarou ao **Correio** o comandante da Marinha, almirante Marcos Sampaio Olsen.

Direitos cedidos

A cantora e compositor-a Adriana Calcanhoto cedeu os direitos de *Maresia* ao vídeo

Marinha do Brasil/Divulgação



Campanha destaca as ações sociais da Marinha, como a entrega de cestas básicas a ribeirinhos da Amazônia



Lançar a campanha do Dia do Marinheiro na Praça dos Três Poderes reveste-se de significado especial e inédito. A praça remete à institucionalização e ao respeito aos caros valores da democracia”

Marcos Sampaio Olsen,
comandante da Marinha

institucional, que usa como slogan a adaptação do verso “Ah, se eu fosse marinheiro”. No vídeo, vira “Ah, se você fosse marinheiro”. A música — interpretada pela própria Calcanhoto — é acompanhada por militares de todas as patentes em diferentes situações. Um recorte do vídeo, com 30 segundos, foi cedido com

exclusividade ao **Correio** (e pode ser visto clicando no QR Code ao lado). A íntegra do audiovisual, com quase três minutos de duração, será disponibilizada nas redes sociais da Marinha a partir de hoje.

A campanha publicitária também é uma forma de mostrar que a Força superou as desconfianças decorrentes do processo político polarizado no país. O almirante Almir Garnier Santos, ex-comandante da Marinha no governo Bolsonaro, está sendo investigado por suposto apoio a uma minuta de decreto de intervenção golpista descoberta pela Polícia Federal. Ele também criou constrangimentos ao atual governo ao não comparecer à posse do seu sucessor, almirante Olsen, em um gesto inédito de descortesia.

A Marinha também abriu procedimentos administrativos disciplinares para apurar a participação de sete militares, entre eles um capitão-de-mar-e-guerra reformado, nos atos de 8 de janeiro.

***Estagiária sob a supervisão de Vinícius Doria**



Abra a câmera do seu celular e clique no QR Code para ver um trecho do vídeo da campanha da Marinha com a música *Maresia*, de Adriana Calcanhoto

Serviço

Cerimônia de troca da Bandeira

Local: Praça dos Três Poderes

Horário: 9h

Acesso livre

JUDICIÁRIO

Moraes adia revisão da aposentadoria

Reprodução/Tv Justiça



Destaque de Moraes reabre o debate sobre recálculo da aposentadoria

Ao pedir destaque, na sexta-feira, no julgamento sobre a revisão da vida toda, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), causou mais uma reviravolta na votação. A perspectiva que se desenhava no plenário virtual era que a Corte recuaria da própria decisão que, em dezembro de 2022, validou a revisão das aposentadorias. Com o movimento de Moraes, os aposentados ainda podem manter a esperança de uma vitória, que permitiria agregar aos cálculos da aposentadoria novos valores.

O pedido de destaque é prerrogativa de todos os ministros do STF e faz com que um julgamento iniciado no plenário virtual comece do zero no plenário físico. Apenas os votos dos ministros aposentados são aproveitados. Todos os demais precisam se manifestar novamente e podem, inclusive, mudar de posicionamento.

No plenário virtual, não há debate entre os ministros. A votação é assíncrona. Com a mudança no ambiente de julgamento, os ministros poderão se debruçar, por exemplo, sobre um pedido para desconsiderar o voto de Cristiano Zanin, com potencial de definir os rumos do julgamento.

O STF julga, neste momento, um recurso do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) contra a decisão que autorizou a revisão das aposentadorias. Entre o primeiro julgamento e a análise do recurso houve uma mudança na composição do Supremo. O ministro Ricardo Lewandoski, que

votou a favor da revisão da vida toda, se aposentou. Zanin entrou no lugar dele e se manifestou em sentido contrário. O voto pode ser determinante para alterar a decisão inicial, que validou a tese da revisão da vida toda.

Para Zanin, o caso deve voltar ao Superior Tribunal de

Justiça (STJ) para um novo julgamento. O argumento usado pelo ministro é processual. Ele argumentou que, ao analisar o tema, a Primeira Turma do STJ julgou a constitucionalidade da lei sobre o regime de aposentadorias dos segurados do INSS. Mas, na avaliação de Zanin, o controle constitucional só pode ser feito pelo plenário do STJ, que é composto por todos os seus ministros, e não pelas turmas do Tribunal.

Advogados que defendem os interesses dos aposentados, no entanto, afirmam que, ao votar no recurso, Zanin reabriu a discussão sobre o mérito do processo, o que é inconstitucional. Eles devem entrar com uma questão de ordem para que o voto de Lewandowski prevaleça.

O julgamento não tem data para ser retomado. Cabe ao presidente do STF, ministro Luís Roberto Barroso, incluir o processo na pauta, o que só deve ocorrer no ano que vem.

A revisão da vida toda permite que as contribuições previdenciárias feitas antes de julho de 1994 sejam consideradas no cálculo das aposentadorias, o que pode beneficiar os aposentados, aumentando os valores que recebem atualmente.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Nicolás Maduro ameça ir à guerra para evitar eleições

Para evitar que a Venezuela invada a Guiana pelo caminho mais fácil, a fronteira de Roraima com os dois países, o Ministério da Defesa aumentou a presença militar na região entre Bonfim, que dá acesso a Essequibo, e Pacaraima, porta de entrada dos venezuelanos no Brasil. A Venezuela vai às urnas, neste domingo, para votar em um referendo sobre a anexação pela força da região de Essequibo, que representa cerca de dois terços do atual território da antiga colônia inglesa. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem um papel importante para evitar o conflito, mas precisa impedir a passagem de tropas estrangeiras pelo território brasileiro.

A Venezuela reforçou sua capacidade militar nas últimas décadas, com destaque para a aquisição de armamentos russos, como caças Sukhoi Su-30MK2V, helicópteros Mil Mi-17, assim como baterias de mísseis S-300, carros de combate T-72, entre outros. Além disso, o país adquiriu alguns aviões de transporte chineses Shaanxi Y-8, que se adicionaram à frota de helicópteros franceses Cougar e Super Puma, caças F-16 norte-americanos, e caças Tucano brasileiros, adquiridos bem antes.

Do ponto de vista militar, a Venezuela tem vantagem estratégica na Amazônia. Os jatos Su-30Mk2 têm poder de fogo, manobrabilidade, autonomia e alto desempenho; mísseis anti-aéreos russos e radares chineses lhe conferem o melhor sistema de defesa aeroespacial da América do Sul. A força naval de Puerto Cabello também foi renovada. Há dúvidas sobre a capacidade operacional desses armamentos, por falta de manutenção. Cuba, Rússia e China são aliados do regime bolivariano. Apesar disso, se for à guerra, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, embarcará numa aventura solitária, sem chance de final feliz.

Mais ou menos como os militares argentinos, no governo do tenente-general Leopoldo Galtieri, na ocupação das Ilhas Malvinas, controladas pelo Reino Unido. Era uma derrota anunciada. Em vez de arbitrar uma negociação, os Estados Unidos deram apoio logístico às forças armadas do Reino Unido, que retomaram as ilhas e infringiram uma derrota à Argentina, que resultou no fim do regime militar. Vale lembrar que a Guiana, como ex-colônia, faz parte da Comunidade Britânica.

Com 160 mil km² e uma população de 120 mil pessoas, Essequibo é alvo de disputa desde 1899, quando esse território foi oficialmente entregue pela Holanda à Grã-Bretanha, que controlava a Guiana. A Venezuela, no entanto, não reconhece essa decisão e considera a região “em disputa”. Entretanto, a Guiana entrou com uma liminar na Corte Internacional de Justiça, em Haia, para suspender o referendo deste domingo, e teve ganho de causa, mas a Venezuela não aceita a jurisdição da CIJ nesse caso e evoca o Acordo de Genebra de 1966 como único instrumento válido para resolver a controvérsia.

Colonialismo

É um conflito cuja origem é o colonialismo na Amazônia, com a divisão da Guiana em três: a francesa, que existe até hoje como departamento da França; a holandesa, que se tornou o Suriname; e a inglesa, que também se tornou independente. A Guiana afirma que existe um laudo de 1899, feito em Paris, no qual foram estabelecidas as fronteiras atuais. Na época, a Guiana era um território do Reino Unido. Já a Venezuela alega que o território é seu porque assim consta em um acordo firmado em 1966 com o próprio Reino Unido, antes de a Guiana se tornar independente, no qual o laudo arbitral foi anulado e se estabeleceram bases para uma solução negociada.

A crise se intensificou em setembro, quando a Guiana resolveu explorar intensamente o petróleo na região. Essequibo tem uma floresta densa, que não despertava grandes interesses econômicos até 2015, quando foi descoberto petróleo na região. São reservas estimadas em 11 bilhões de barris, a maior parte “offshore”, ou seja, no mar, perto de Essequibo. A Guiana é o país sul-americano que mais cresce nos últimos anos.

Neste domingo, a população do país dirá se quer que o território de Essequibo seja incorporado à Venezuela. Se disser não, será a maior derrota de Maduro, mas isso é muito difícil, porque as eleições na Venezuela não são livres. A consulta terá cinco perguntas, uma delas explicitamente sobre a anexação de Essequibo. Como sempre acontece em regimes autoritários, Maduro usa Essequibo como bandeira nacionalista para se manter no poder.

Depois de anos em crise, o país espera uma melhora econômica com a retirada das sanções econômicas dos Estados Unidos, sob a condição de realizar eleições presidenciais limpas em 2024. O presidente guianês, Irfaan Ali, afirmou que as medidas tomadas pela Venezuela, como o referendo, são agressivas, infundadas e ilegais. O ministro das Relações Exteriores brasileiro, Mauro Vieira, declarou, ao fim da reunião, que o Brasil deseja uma solução diplomática e pacífica para a controvérsia. Em caso de conflito, não haverá eleição na Venezuela, o verdadeiro objetivo de Maduro com a crise.